

Não é por aí

O PT poderia encarar a prisão de Duda como uma advertência dos deuses



Os resultados das eleições de outubro são, em alguns aspectos, simples de resumir. O PT foi o partido que mais teve votos; o que mais se expandiu pelas cidades médias e pequenas do

interior do país; e ainda manteve o maior número de grandes cidades sob seu controle. E o PSDB, o principal adversário dos petistas, perdeu muitos prefeitos nas cidades pequenas e também reduziu sua presença nas cidades médias; mas cresceu nas grandes, onde teve o sucesso mais espetacular – tomou do PT a prefeitura do município de São Paulo, com seus 7,8 milhões de eleitores, o que o torna o maior partido do país, em número de eleitores nas cidades que vai governar.

Certas teses sobre o pleito também foram respondidas pelos fatos: altos tucanos, que diziam que o PT tinha revelado seu *DNA de autoritarismo* e que o país corria o risco de desembocar num sistema de partido único, ficaram sem ter o que falar. As eleições como que representaram um fortalecimento do pluripartidarismo: o PSDB, como muitos disseram, *polarizou* com o PT; o PFL sobrevive bem nas cidades grandes e médias; o PMDB perdeu nos grotões, não recuperou os grandes centros que dominava nos idos de 1986, mas cresceu nas cidades médias; o PDT, miraculosamente, se recuperou depois da morte de seu líder Leonel Brizola; o PPS, despontou em todos os cantos, dos grotões aos grandes centros; em escala menor, o mesmo aconteceu com o PSB; e até a esquerda comunista cresceu – o PCdoB chegou a quase 1% dos votos válidos do país, para prefeito, cerca do dobro do que obtivera quatro anos atrás.

O marqueteiro na rinha O problema da interpretação dos resultados das eleições municipais brasileiras deste ano, no entanto, não é quantitativo: é o seu significado político essencial. Mais especificamente: o que aconteceu, na primeira eleição após a subida do ex-operário metalúrgico Luiz Inácio da Silva à presidência da República, com o movimento social e político que ele representava e cujo objetivo era mudar o país? Na eleição de 2002, se se perguntasse a Duda Mendonça,

o marqueteiro que vestiu Lula com outras roupas e o vendeu às amplas massas da população, se os compromissos assumidos na campanha eleitoral e o próprio estilo da campanha mudavam de alguma forma o sentido e os objetivos do movimento que impulsionavam o atual presidente, a resposta negativa seria óbvia e aparentemente sensata. Nestas eleições, o fato de Duda, que desta vez era o marqueteiro oficial de Marta Suplicy, ter sido preso numa briga de galos, pouco antes da derrota da prefeita no segundo turno, pode ser visto como um ato simbólico. Do fim de um processo: o amplo movimento de massas pela maior democratização do país, pela mudança do modelo econômico que limita essa democratização, se diluiu com os compromissos assumidos pelo PT para eleger Lula presidente; e as eleições municipais de 2004 aparecem como o fim desse processo de diluição.

O fato de Duda não ter dado conta de eleger Marta é emblemático. Os problemas efetivos do país são maiores do que os que um genial marqueteiro pode resolver (na foto, um agente esconde o rosto de Duda durante sua prisão). Pelos caminhos das eleições forradas de dinheiro e de propagandistas pagos, de que forma se irá ao fundo dos problemas? Marta fez um governo razoável, dentro dos limites a que estão submetidos os governos municipais, especialmente o de São Paulo – com uma dívida R\$ 27,6 bilhões, 2,3 vezes o total da receita anual da cidade e já fora dos limites aceitáveis pela chamada *Lei da Responsabilidade Fiscal*. Praticamente todas as cidades brasileiras estão submetidas a um gigantesco arrocho, desde 1999, quando o país quebrou sob a política dos monetaristas. Praticamente todas as capitais promoveram uma sobretaxação e uma sobre cobrança de suas classes médias, tentando achar trocados para políticas assistencialistas. Marta foi uma das que foi mais longe nesse esforço de assistência aos pobres das periferias e até ganhou as eleições nessas áreas. Mas perdeu disparado nas áreas médias arrojadas.

E perdeu também porque o preconceito contra a feminista que apóia o movimento dos gays, contra a divorciada que casou com um estrangeiro e outros preconceitos da chamada *opinião pública* não se consertam com *marketing*, com uma campanha política que aceita a opinião pública tal como ela é, e tenta mudá-la a partir dela mesma, sem uma efetiva mobilização popular.

O PT, a partir de 2002, passou a acreditar na solução Duda para o problema político brasileiro. Poderia considerar o fato de o marqueteiro ter sido preso numa briga de galos como um sinal dos tempos, uma advertência dos deuses da política que dizem: não é por aí. ■